

REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DE MORTE E DE VIDA - UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O HIV/AIDS E ARTE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

**GABRIEL DEL SAVIO GUAZZELLI¹; ANDRESSA SILVEIRA DA SILVA²;
HUDSON CRISTIANO VANDER DE CARVALHO³; ROBERTO HEIDEN⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabrieldelsavio@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – andressa.silveira@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – heidenroberto@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho se origina de experiências e trocas ambientadas no grupo de estudos “Posithives: Psicologia, Saúde e Artivismo em contexto de HIV/AIDS”, coordenado pelo Professor Dr. Hudson Cristiano Vander de Carvalho e vinculado ao curso de Psicologia da UFPel. O referido grupo busca analisar o fenômeno do HIV/AIDS por meio de suas interseccionalidades de gênero, classe, sexualidade e política e a partir de diferentes matrizes epistemológicas.

A história social da Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS) e o vírus da imunodeficiência humana (HIV) nas décadas de 1980 e 1990 foi marcada pela homofobia, chegando a ser divulgada pela mídia como “peste gay”. Essa estigmatização gerou barreiras para o seu enfrentamento como uma condição de saúde, deflagrando a vulnerabilidade social daqueles indivíduos e setores da população mais afetados pela doença. O movimento social de gueis, lésbicas e pessoas trans foi central para que esse cenário mudasse, reconfigurando o HIV/AIDS como uma questão a ser enfrentada por diferentes agentes sanitários, assim como deflagrou suas dimensões psicológicas, sociais, culturais e políticas.

A emergência do HIV/AIDS e da Arte Contemporânea são fenômenos temporalmente próximos e em certo aspecto até mesmo mutuamente influentes. Tanto a epidemia (em suas diferentes fases) quanto a subjetividade daqueles que vivem com HIV/AIDS têm sido tema de diferentes manifestações das artes, nos âmbitos do cinema, teatro, literatura, incluindo filmes como o clássico “Filadélfia” ou o contemporâneo “120 batimentos por minuto”. No entanto, a fotografia foi precursora na inserção do HIV/AIDS no campo das artes visuais, tendo a primazia quanto à produção dos primeiros registros públicos de pessoas convivendo com esse tipo de problema de saúde (REIS, 1998 apud ALVES, 2015, p. 43).

A arte sempre esteve vinculada ao plano social, e pode assim ser entendida como uma expressão do momento histórico, econômico, político e tecnológico e, como parte intrínseca da realidade, pode influenciá-la ao tensionar, por exemplo, as narrativas acerca do HIV/AIDS e sobre pessoas que vivem com HIV. Diferente de expressões contemporâneas, nas décadas de 1980 e 1990, o tema do HIV/AIDS era mais frequentemente representado nas artes a partir de questões relacionadas à sexualidade dissidente e ao adoecimento que tangenciava à morte (ALVES, 2015). SONTAG (1988, p. 75) argumenta que “a AIDS parece ter o poder de alimentar fantasias sinistras a respeito de uma doença que assinala vulnerabilidades individuais tanto quanto sociais”. Por vezes, a arte alimentou essas fantasias, representando os espaços de desolação, outras vezes deslocou essas “fantasias sinistras” para um lugar que possibilitava a vida.

Nos propusemos a estudar algumas produções artísticas que exploraram a temática do HIV/AIDS entre as décadas de 1980 e 1990, buscando-se estabelecer um paralelo entre especificidades da epidemia e o campo das Artes Visuais. Aqui, destacamos os trabalhos de Nicholas Nixon, William Yang e Keith Haring e visamos discuti-los a partir de uma analítica própria do campo da estética, mas que transcende por considerar o afeto tão qual DELEUZE (1983, p.16) o destaca: “variação contínua da força de existir na medida em que essa variação é determinada pelas ideias que se tem”.

2. METODOLOGIA

O presente estudo se baseia em uma revisão bibliográfica não sistemática sobre a interlocução entre HIV/AIDS e arte. Para tanto, utilizou-se de referências oriundas tanto do campo das artes, como da psicologia e das ciências biomédicas, destacando uma perspectiva transdisciplinar coerente com a dinâmica do grupo de estudos Posithives.

O presente texto objetivou criar um contraste entre formas de representação da questão do HIV/AIDS quando feito por artistas que viviam com o vírus e a doença nas décadas de 1980 e 1990 e outros que não viviam, mas cuja vida era atravessada pelo mesmo de modo menos direto. Portanto, o presente estudo apresenta um caráter inicial e exploratório e compara as produções de três artistas, a saber: Nicholas Nixon, Wilian Yang e Keith Haring.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nicholas Nixon é um fotógrafo estadunidense que na década de 1980 registrou pessoas vitimadas pela AIDS em seus momentos finais de vida. Este projeto se chamava *“People with AIDS”* e tinha a finalidade política de tornar visível a identidade e a individualidade dessas pessoas, com especial destaque para a sequência de fotos realizada entre 1987 e 1988 que registrou o abreviamento da vida de seu amigo Tom Moran. Nesta época, a epidemia estava em sua fase inicial, caracterizada por ignorância científica quanto ao vírus e a doença, assim como por grande estigmatização de populações-chave. As fotografias de Nixon estão inscritas sob uma lógica da representação de sofrimento, da solidão e da finitude da vida, o que, para ALVES (2015, p. 102-103), “corrobora um discurso de docilidade para estes sujeitos, despertando o horror ou a pena dos espectadores, ao invés de impulsionar a busca por informações sobre a enfermidade [...]”. Suas exposições receberam diversas críticas, principalmente de coletivos artivistas como o *ACT UP*, que manifestavam que o papel da arte deveria ser o de representar o viver com HIV/AIDS e não o morrer com AIDS. O embate de diferentes grupos artivistas frente a esses modos de representação do HIV/AIDS fomentou uma movimentação política que mudaria as formas de entender e se relacionar com o HIV/AIDS (ALVES, 2015; FOERSTNER, 1989).

Semelhantemente, o artista australiano William Yang (1943) em sua série fotográfica intitulada *“Allan”* (1990), registrou a trajetória de seu amigo diagnosticado com AIDS por meio de 17 fotografias em preto e branco, justapostas a anotações sobre o avanço da doença. A série integrava o projeto *Sadness: A Monologue with Slides* (1990). Sua produção versava sobre a doença de um ente querido através de uma perspectiva discursiva e iconográfica que permeia uma narrativa que antecipava e presentificava a perda e o luto, tendo como cenários ora um leito de hospital, ora o entorno desse hospital, embora

sempre com foco no agravamento do estado de saúde conforme o desenvolvimento da doença. A última fotografia apresentada por Yang retratava Allan antes de ser diagnosticado com AIDS, muito diferente do Allan retratado nas demais imagens da série. Essa escolha nos surpreende, na medida em que, percorre um caminho diferente daquele que esperamos como espectadores, recuperando a representação de vida de seu amigo que ia muito além das representações de morte e ausência causadas pela doença (ALVES, 2015; FLORESCU, 2008).

O artista Keith Haring (1958-1990) desenvolveu suas obras sob uma perspectiva artivista. Ele produziu grafites em espaços públicos de cidades que refletiam mensagens de caráter político e social, muitos deles voltados para à epidemia do HIV/AIDS, tema que esteve presente na vida não só do próprio artista em sua positividade como de vários de seus amigos. Seu trabalho possui soluções formais facilmente reconhecíveis como de sua autoria e que o aproximam, para além do universo do grafite, de elementos da Pop Arte e da cultura de massas. Seus personagens e signos diversos possuem cores vivas, delimitação marcante e grande poder de síntese visual. As expressões artivistas de Keith Haring buscavam evidenciar os contornos sociais e políticos do HIV/AIDS, abrindo possibilidades de diálogo e de orientação de práticas sexuais mais seguras e do engajamento coletivo contra a AIDS em todas as suas dimensões: biomédicas, psicológicas, sociais, políticas e culturais (ALMEIDA, 2018; ALVES, 2013).

A expressão de Haring também deflagra como o lugar de fala daquele que produz impacta a própria produção. Haring, que vivia com HIV/AIDS em um período sem tratamento efetivo, produziu sobre a vida que vivia e criou dispositivos para promover o diálogo que sonhava em ter. Dessa forma, seu trabalho contrastava com as fotografias de Nixon e Yang. Uma perspectiva histórica mais ampla, a partir dos exemplos até aqui citados, mostra que outras abordagens mais positivas em relação ao HIV/AIDS foram progressivamente ocupando espaços na agenda da Arte Contemporânea.

4. CONCLUSÕES

Esse estudo buscou identificar contribuições da arte para se pensar e discutir os impactos da epidemia do HIV/AIDS na sociedade. Ao analisar o trabalho dos três artistas selecionados, percebemos que embora as produções fotográficas de Nicholas Nixon e William Yang tenham alguns anos de distância entre si, ambas tinham como intenção desestruturar os estigmas relacionados a AIDS, enaltecedo o caráter identitário dos sujeitos. Contudo, essa intenção parece não ter sido amplamente percebida pela sociedade, visto que, por meio de suas representações e afetos, elementos estigmatizantes relacionados à morte tomaram relevos mais evidentes. As fotografias buscavam dar visibilidade para questões que muitas vezes ficavam silenciadas na sociedade, como o próprio enfrentamento diante da morte e o medo que a ela está relacionada.

Por outro lado, a década de 1980 foi marcada também por uma perspectiva artivista, evidenciada principalmente nas obras do artista Keith Haring. Nesse sentido, percebemos que havia uma polissemia associada ao HIV e a AIDS, bem como uma preocupação em informar a sociedade sobre a transmissão e a prevenção da doença. Apesar dos três artistas escolhidos, o estudo dessas representações não deve ficar restrito somente a análise dos aspectos visuais das obras de Nixon, Yang e Haring, mas sim, de como essas manifestações artísticas

configuraram a lógica dos afetos da época e marcaram a intersecção entre o HIV e a sociedade.

A partir dessas comparações nos deparamos também com outras produções posteriores que dialogam com o tema do HIV/AIDS, convergindo ou divergindo, dos artistas citados; tais como as fotos de cenários *undergrounds* e os personagens marginalizados de Nan Goldin nos anos de 1990 e os registros que trabalham com as questões da sexualidade de Mark Morrisroe. Obras que se aproximam muito mais do artivismo de Keith Haring ao tentar deflagrar a forma como o HIV/AIDS era representado na mídia *mainstream* do que da temática mais documental e mórbida como em Nicholas Nixon. Tais estudos possibilitaram a adoção de outras chaves de leitura para as questões analisadas que, juntamente com as discussões ocorridas dentro do grupo que deu origem a este estudo, reverberam na descoberta de artistas mais contemporâneos e que fogem do eixo centrado nas décadas de 1980 e 1990 nos Estados Unidos, direcionando assim nosso contato a outros nomes, muitos deles brasileiros, tais como Leonilson, Micaela Cyrino, Jerome Caja e outros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. S. **O Contra Modelo da Heteronormatividade em Keith Haring (1958-1990)**. Cadernos de gênero e diversidade, Salvador, v. 04, n. 03, p. 89-103, 2018. Disponível em: <https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/24892/16634>. Acesso em: 23 set. 2020.

ALVES, R. H. A. **AIDS e Arte Contemporânea em Keith Haring, Pepe Espaliú e Leonilson: Miasmas e Metáforas**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo_digital/000001959.pdf Acesso em: 22 set. 2020.

_____. **Tanatografias da AIDS na artes visuais: o corpo enfermo diante da morte e da fotografia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131019/000980191.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2020.

DELEUZE, G. **Cinema 1: Imagem-Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FLORESCU, C. **Ars Moriendi, the Erotic Self and AIDS**. M/C Journal. Vol 11, Nº 3 (2008). Disponível em: <<http://journal.media-culture.org.au/index.php/mcjourn/article/view/50>>. Acesso em 30 set. 2020.

FOERSTNER, A. **‘People with AIDS’ an essay on human fragility and dignity**. Chicago Tribune, Chicago, 17 mar. 1989. Disponível em: <<https://www.chicagotribune.com/news/ct-xpm-1989-03-17-8903270729-story.html>>. Acesso em 30 set. 2020.

SONTAG, S. **Doença como metáfora Aids e suas metáforas**. [S. l.]: Companhia das letras, 1988.